

# **O ENOTURISMO COMO ENFOQUE ORIENTADOR DE UM PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DA NATUREZA**

MAGDA MARIA COLAO

## **INTRODUÇÃO**

No Brasil existem diversos circuitos de enoturismo sendo criados ou mesmo em fase de consolidação. O caso mais expressivo é do setor vitivinícola da região serrana do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil. “Enoturismo é um segmento da atividade turística que se fundamenta na viagem motivada pela apreciação do sabor e aroma dos vinhos e das tradições e tipicidade das localidades que produzem esta bebida”<sup>1</sup>. Ao descobrir-se o vinho, os espumantes no seu meio natural, compreende-se que estes não são quaisquer bebidas, mas sim um produto tradicional, cheio de história.

Promover o turismo vitivinícola é o principal objetivo de um dos grandes instrumentos ao serviço do enoturismo – as Rotas do Vinho. As Rotas do Vinho permitem que os visitantes contatem mais facilmente com o mundo rural. Contribuem para a preservação da autenticidade de cada região através da divulgação do seu artesanato, do património paisagístico, arquitetónico e museológico e da gastronomia, contribuindo para o combate à desertificação e aos constrangimentos de algumas zonas rurais. São também, uma solução para a dinamização das regiões demarcadas<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Girus.com.br.turismo, informações e debate. Disponível em <[http://www.girus.com.br/viagens/conceitos.php?cod\\_conceito=7](http://www.girus.com.br/viagens/conceitos.php?cod_conceito=7). Acesso em 09 de outubro de 2005.

<sup>2</sup> Instituto da Vinha e do Vinho. Enoturismo e rota do vinho. Disponível em <<http://www.ivv.min-agricultura.pt/cultura/files/rotas.html>. Acesso em 10 de outubro de 2005.

O enoturismo no Brasil é jovem como a produção de vinhos no país. Também é recente no Brasil a cultura do vinho e o conhecimento do que envolve a bebida. A região do Vale dos Vinhedos em Bento Gonçalves/ RS, concentra a maior parte das vinícolas nacionais, bem como a rota dos Espumantes, em Garibaldi, possuem “o principal destino de enoturismo do país”<sup>3</sup>. Entretanto, diz Ouriques<sup>4</sup>, o fenômeno turístico no capitalismo deve ser analisado porque o desenvolvimento dessa atividade na periferia do capitalismo acaba reproduzindo as relações de dependência. O alerta está em ter o cuidado para não transformar as culturas, as paisagens, apropriadas e vendidas pelo enoturismo, como mercadorias. O autor destaca ainda que a expansão dessa atividade em nosso país se dá no contexto do controle do modo de produção capitalista sobre os modos de vida anteriores, na exploração da força de trabalho e no uso e apropriação da natureza por parte do capital. “A produção do turismo pauta-se pelo fetichismo e pela dependência”<sup>5</sup>.

“Turismo é um fenômeno universal conectando todas as partes do sistema global”<sup>6</sup>, fortalecendo as identidades culturais. Assim se faz necessária a chamada para o Ecossialismo.<sup>7</sup> Constituir as bases do enoturismo, substituindo o aparato e lógica do capital dominante do crescimento econômico linear e de enriquecimento pessoal, de competitividade impiedosa e de divisão do mundo entre ganhadores e perdedores, por valores orientados para a harmonia social e para a solidariedade, alicerçados “no respeito pela natureza, no caráter cíclico da vida em geral”<sup>8</sup>. Se o enoturismo difundido perseguir a lógica capitalista, corre o risco de vir ser o que sempre

---

<sup>3</sup> LUPINACCI, Heloisa da folha de São Paulo: Jovem, enoturismo no Brasil se diversifica. Folhaonline turismo. Disponível em <<http://www.1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u4939.shtml>>.

<sup>4</sup> OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do Turismo: fetichismo e dependência**. São Paulo: Editora Alínea. 2005.

<sup>5</sup> REVISTA TURISMO. Livros técnicos para turismo e hotelaria já indicados pela Revista Turismo. A produção do turismo fetichismo e dependência. Disponível em <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/literaturaold.ht m>>. Acesso em 10 outubro de 2005.

<sup>6</sup> DIAS, Reinaldo & AGUIAR, Marina R. Fundamentos do turismo. Editora Alínea, 2002.

<sup>7</sup> LÖWY, M & BENSÁID, D. Marxismo modernidade e utopia. Op. cit. p. 227.

<sup>8</sup> LÖWY, M & BENSÁID, D. Marxismo modernidade e utopia. Idem, p. 229.

foram os movimentos históricos. Segundo Marx & Engels: “todos os movimentos históricos têm sido, até agora, movimentos de minorias ou em proveito de minorias”<sup>9</sup>

“Não nos deixemos entusiasmar apenas pelo fato de sermos vitoriosos em relação à natureza, pois a cada vitória assim conquistada a sábia natureza prepara sua vingança” Engels<sup>10</sup>. Para esta atitude de cultivar a natureza, o ecoturismo precisa do princípio: “ver o homem em todas suas dimensões e não pode valer-se de teorias abstratas e descompromissadas. O valor real da teoria está em sua realização a partir de seu contato com a realidade [...] formando-se num todo de tempo e espaço”<sup>11</sup> A viabilização do desenvolvimento sustentável da natureza, da sociedade “carrega em si o potencial de deflagrar um efeito pedagógico expressivo”<sup>12</sup> para a região dos vinhedos.

Por meio do *marketing*, atingir o primado do ecossocialismo onde o meio ambiente seja também uma prática de relações sociais saudáveis, sustentadas em efetivas condições de equilíbrio ecológico atrelado a condições específicas de cada sociedade. “Todos os fenômenos do universo, provocados pela mão do homem ou pelas leis gerais da física, não constituem, na realidade, criações novas, mas apenas transformações da matéria”, salienta Marx<sup>13</sup>. Logo, Um ambiente socioambiental sustentável visto pelo via da educação não é a alavanca da transformação social, mas se torna fundante na busca pela sustentabilidade das nossas relações sociais assim como indica o binômio das relações natureza-homem: homem-natureza, homem-homem. O gérmen Crítico e transformador da educação sustenta-se na práxis, no desvelamento da realidade, na ação política e na

---

<sup>9</sup>MARX & ENGELS. Manifesto do partido comunista. Op. cit. p. 40.

<sup>10</sup>ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em Homem**. 3.ed. São Paulo: Global editora, 1986. p. 33.

<sup>11</sup>ZANUZ, Antonio C. A pequena propriedade familiar como alternativa ao desenvolvimento agrícola sustentável: dificuldades para sua adequação à legislação de preservação florestal. Op. cit. p. 118.

<sup>12</sup>CAVALCANTI, Clóvis. **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. 3.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p. 312.

<sup>13</sup> MARX, Karl. **O capital**. 12ed.São Paulo: DIFEL, 1988. Livro I. Volume I. O processo de produção capitalista. p. 50.

garantia da omnenlateralidade. “O problema da educação é crer-se nela como instrumento mágico de transformação social, de eliminação dos problemas sociais e ambientais” pensava Robert Owen (1771-1858). Os homens necessitam emanciparem-se através de sua própria ação.

## 1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PRÁXIS SOCIAL

“A educação ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente”, Loureiro<sup>14</sup>. Neste prisma, engendra tentativa de execução de vida nova. Implementação de um paradigma

civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza. Dessa forma, para a real transformação do quadro de crise estrutural e conjuntural em que vivemos, a Educação Ambiental, por definição, é o elemento estratégico na formação de ampla consciência crítica das relações sociais e de produção que situam a inserção humana na natureza, Loureiro<sup>15</sup>.

Lembra Marx<sup>16</sup> que “o homem, ao produzir, só pode atuar como a própria natureza, isto é mudando as formas da matéria. E mais. Nesse trabalho de transformação, é constantemente ajudado pelas forças naturais... O trabalho é o pai, mas a mãe é a terra”.

Educação ambiental como práxis social – transformadora - é aquela que possui um conteúdo libertador, em que as categorias do materialismo dialético e materialismo histórico sejam consideradas de tal maneira, que as “alterações da atividade humana, vinculadas ao fazer educativo”<sup>17</sup>, trabalho e saúde promovam aprendizagens

---

<sup>14</sup> LOUREIRO, Carlos Frederico (org.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 69.

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> MARX, Karl. **O capital**. 12. ed. São Paulo: DIFEL, 1988. Livro I. Volume I. ibidem, p. 50.

<sup>17</sup> LOUREIRO, Carlos Frederico. *Trajatória e fundamentos da educação ambiental*. 3.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009. p. 89.

significativas bem como mudanças: “individuais e coletivas; locais e globais; estruturais e conjunturais, econômicas e culturais. Em que a dimensão política da educação seja a arte do compromisso e da intransigência”<sup>18</sup>. A principal preocupação do ponto de vista subjetivo, é a resistência, ou seja, a capacidade de agüentar firme o tempo todo, sem relaxar, sem se importar em”<sup>19</sup> machucar-se ou adoecer como também ser “*forcluído* do ato de ler a realidade”<sup>20</sup>.

Para atingir qualidade de vida e saúde para toda a natureza há que se dar um salto de qualidade nas diferentes dimensões de inter-relação em educação ambiental. Isto pressupõe englobar as múltiplas esferas da vida planetária, social e a individual. Pela via da “categoria da totalidade, a dominação do todo sobre as partes, que é determinante e se exerce em todos domínios (...), o reino da totalidade é o portador do princípio revolucionário da ciência” garante Lukács<sup>21</sup>.

A prática social não está atrelada a visão unilateral das ciências. “Há somente uma ciência, histórica e dialética, única e unitária, do desenvolvimento da sociedade como totalidade”<sup>22</sup> “A nossa tendência natural é ver as coisas como diferentes, e a tarefa do cientista é descobrir o fio que une, que entretece as muitas flores numa guirlanda única e harmoniosa”<sup>23</sup>.

O materialismo como teoria da natureza das coisas surgiu no início da filosofia grega e vem persistindo até hoje afirmando “que as origens e o desenvolvimento de tudo que existe dependem da

---

<sup>18</sup> LOUREIRO, Carlos Frederico. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. Ibidem.

<sup>19</sup> DEJOURS, Christophe. A banalização da injustiça social. 7.ed.Rio De Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008. p. 47.

<sup>20</sup> COLAO, Magda M. Professor *forcluído* do ato de ler a realidade. In: TRIVIÑOS, Augusto; BÜRIGO, Carla e OYARZABAL (orgs). A formação de Professores para Educação Básica na América Latina. Problemas e possibilidades. Florianópolis: Imprensa UFSC, 2009. p. 205-215.

<sup>21</sup> LÚKÁCS, Georg. História e consciência de classe.. Estudos de dialética marxista. Lisboa: Publicações Escorpião, 1974. p. 41.

<sup>22</sup> LÚKÁCS, Georg. História e consciência de classe.. Estudos de dialética marxista. Idem, p. 42.

<sup>23</sup> GOSWAMI, Amit. O médico quântico. Orientações de um físico para a saúde e a cura São Paulo: Cultrix, 2004. p. 41.

natureza e da matéria.<sup>24</sup>”. Declaram Marx & Engels<sup>25</sup>: para o materialismo, a única realidade é a natureza. “ O materialismo é o alicerce sobre o qual repousa o edifício do ser e do saber do homem”<sup>26</sup>

Se concebe todo mundo da natureza, da história e do espírito como um processo, isto é, em constante movimento, mudança, transformação e desenvolvimento, tentando além disso ressaltar a íntima conexão que preside esse processo de movimento e desenvolvimento, Marx & Engels<sup>27</sup>

Comenta Triviños<sup>28</sup> que categoria da prática social sendo uma das mais importantes do materialismo dialético está ao lado das categorias da matéria, da consciência e da contradição. “Quando colocamos seu problema, forçosamente, surge o problema da teoria. A práxis é unidade da teoria e da prática. É o mundo material social elaborado e organizado pelo ser humano no desenvolvimento de sua existência como ser racional”<sup>29</sup>

Então, na perspectiva do fazer, agir-sentir- pensar, integrados diante do fenômeno material enoturismo como enfoque orientador do processo de preservação da natureza, esta comunicação tem o papel de aguçar tanto o interesse quanto nossa sensibilidade para exercermos: a prática social vivida no âmbito das relações homem-natureza; ações numa sustentável e sólida práxis, mirando sobre a construção da cidadania ecológica, cerne da prática educativa ambientalista e reconhecer que o enoturismo é ato educativo e político que tem seus embasamentos legais, territoriais, culturais. Por

---

<sup>24</sup> FOSTER, John Bellamy. A ecologia de Marx. Materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 14.

<sup>25</sup> MARX, Karl & Engels F. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Vitória, 1963. Tomo 3. p. 177.

<sup>26</sup> MARX, Karl & ENGELS, F. Idem, p. 182.

<sup>27</sup> MARX, Karl & Engels F. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. Tomo2, p. 319.

<sup>28</sup> TRIVIÑOS, Augusto. N.S. A dialética materialista e a prática social. Movimento Revista da Educação Física. UFRGS. Porto Alegre, v. 12, n}2 p. 121-142. Maio/Ag. 2006.

<sup>29</sup> TRIVIÑOS, Augusto. N.S. A dialética materialista e a prática social. Ibidem, p. 121-122.

exemplo, a Carta<sup>30</sup> Européia do Enoturismo contem os seguintes fundamentos:

**1.** Por enoturismo queremos dizer que são todas as actividades e recursos turísticos, de lazer e de tempos livres, relacionados com as culturas, materiais e imateriais, do vinho e da gastronomia autóctone dos seus territórios.

**2.** Os territórios vitivinícolas devem estar envolvidos, e dar prioridade absoluta, aos princípios do desenvolvimento sustentável.

**2.1.** Os territórios produtores de vinhos devem desempenhar um papel decisivo na conservação, gestão e na valorização dos bens territoriais. Devem assumir nas experiências concretas o exemplo de modelo, tanto no que respeita na aplicação dos seus objetivos como na sua metodologia, para uma gestão responsável e para as relações entre o território e a sua exploração.

**2.2.** Os recursos territoriais, bem como os vitícolas, devem ser defendidos, preservados e geridos cuidadosamente, como bens públicos, a fim de poderem estar sempre disponíveis para o indivíduo e economia do território.

**2.3.** A utilização dos recursos territoriais e, nomeadamente, da viticultura, não poderão pôr em perigo a sobrevivência das espécies animais e vegetais do ecossistema.

**2.4.** Os territórios vitivinícolas devem ser defendidos e protegidos eficazmente contra os riscos de um desenvolvimento anárquico da urbanização.

**2.5.** Os territórios vitivinícolas podem ser uma referência o desenvolvimento de um território. Os modelos de gestão, definidos por uma rigorosa base científica, deverão assegurar a conservação dos ecossistemas, em sua integridade e sua complexidade biológica.

**3.** A fim de atingir os seus objectivos, as áreas produtoras de vinho deverão promover uma cooperação eficaz entre si e não devem limitar as suas ações só para seus territórios.

**4.** Os territórios vitivinícolas devem desempenhar um papel decisivo na disseminação de uma verdadeira "Cultura do Vinho", o que consequentemente implica a necessidade de uma gestão

---

<sup>30</sup> CARTA EUROPÉIA ENOTURISMO. <http://www.turismodeportugal.pt/Português/ÁreasActividade/ProdutoseDestinos/ReuniaoTecnicaEnoturismo/CataEuropeiadeEnoturismo/An> Em 18/4/2010.

integrada, correcta e séria, de uma exploração racional das zonas vitícolas, num ponto de vista ecológico e social.

O enoturismo inserido na concepção de “educação ambiental constitui uma área de conhecimentos eminentemente interdisciplinar, em razão dos diversos fatores interligados e necessários ao diagnóstico e à intervenção que pressupõe”<sup>31</sup>. Ecológicamente, vem se impondo inclusive para o campo da saúde, meio ambiente a necessidade cultural de metabolizar por completo o processo de fazer ciência. “O fundamento da consciência ecológica é o humanismo. O desenvolvimento sustentável ainda não existe. É um processo em construção teórica e histórica. Estamos diante de algo novo e muito importante no pensamento e na história social humana”, diz Viana<sup>32</sup>.

Há uma grandeza nesta visão da vida, com seus diversos poderes tendo sido originalmente insuflados em algumas poucas formas ou em uma só; e, enquanto este planeta esteve revolucionando de acordo com a fixa lei da gravidade, a partir de um início tão simples, infinitas formas, as mais belas e mais maravilhosas, evoluíram e continuam evoluindo. Charles Darwin, *A origem das espécies*<sup>33</sup>.

A percepção influencia as ações humanas. Perceber é captar aquilo que nos rodeia. A lógica do capital aliena, massacra e destrói a natureza; assim como encurta o tempo e a vida com toda sua materialidade muda e transforma-se rapidamente. “Sustentabilidade, por exemplo, refere-se às gerações do futuro, mesmo distante (...). Desenvolver não significa apenas “ampliar, crescer”, e sim “des (fazer) o que está envolvido” [...] Trata-se, portanto, de um processo em que é libertado um potencial que está contido, preso, em determinadas circunstâncias da história”<sup>34</sup>. O processo em si não é somente construído de captação, mas também de reação; o que

---

<sup>31</sup> CASTRO, Ronaldo S & BAETA, Anna M. Autonomia intelectual: condição necessária para o exercício da cidadania. In: LOUREIRO, Carlos Frederico (org.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. Op. Cit p. 99

<sup>32</sup> VIANNA, Sérgio. Darwin e a consciência no século XXI. In: LANDIM & MOREIRA. Charles Darwin. São Paulo: Sangrari do Brasil, 2009. P. 143-152.p. 150

<sup>33</sup> LANDIM & MOREIRA. Charles Darwin. São Paulo: Sangrari do Brasil, 2009, p. 5.

<sup>34</sup> LANDIM & MOREIRA. Charles Darwin. Op. Cit p. 150.



significa dizer que a percepção envolve captação e reação perante o que é percebido”<sup>35</sup>. Perceber o meio ambiente tem sido a tônica da evolução “de muitas pesquisas em disciplinas como a psicologia ambiental”<sup>36</sup> entre outras. Que prática social os agentes do enoturismo e seus colaboradores desempenham? Qual a escuta que a psicologia ambiental pode fazer?

## 2. PSICOLOGIA AMBIENTAL COM OLHAR PARA O ENOTURISMO

A questão ambiental é extremamente complexa e a conceitualização de meio ambiente, a exemplo de enoturismo como enfoque orientador de um processo de preservação da natureza também são consideradas como “tarefa multidisciplinar e não trivial. Um único campo de conhecimento da cultura humana não é suficiente para definir e estabelecer paradigmas para a ocorrência de todos os fenômenos ambientais possíveis”<sup>37</sup>.

A psicologia ambiental se engaja na investigação, “análise e no encaminhamento de soluções para problemas ambientais, pois estes são, de fato, problemas humano-ambientais”<sup>38</sup>. “Todas as chamadas questões ambientais são na verdade questões humano-ambientais, as quais refletem não uma crise ambiental, mas uma crise das pessoas-nos-ambientes”<sup>39</sup> Tanto o ambiente como a realidade social que envolve o enoturismo também precisam ser investigadas como fenômenos da natureza. Uma vez que “o enoturismo é um sistema composto pelos seguintes subsistemas: território, turismo e cultura vitivinícola”<sup>40</sup>, implica:

---

<sup>35</sup> SILVA, Fernando Brasil da. *Psicologia dos serviços em turismo e hotelaria*. São Paulo: Thomson, 2004, p. 31.

<sup>36</sup> ROSS, Glenn F. *Psicologia do turismo*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 71.

<sup>37</sup> SILVEIRA, Vicente F. *Geoprocessamento como instrumento de gestão ambiental*. In: PHILLIP, A.; ROMERO, M. BRUNA, G. *Curso de Gestão Ambiental*. São Paulo: Manole, 2009. p. 945-968. p. 945.

<sup>38</sup> PINHEIRO, José. *Psicologia ambiental: a busca de um melhor ambiente*. *Estudos de psicologia ( Natal)* vo2.nº2 Natal July/Dec.1997. [scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000200011&s...](http://scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000200011&s...) em 21/04/2010.

<sup>39</sup> PINHEIRO, *ibidem*.

<sup>40</sup> CARTA EUROPÉIA ENOTURISMO. *Op. Cit* p. 3.

a) realizar a escuta da população que vive nos entornos da localidade enoturística;

b) fazer um diagnóstico das áreas operacionais, dos compromissos que abarcam cada sub-sistema. Segundo a Carta Européia do Enoturismo as grandes áreas operacionais que congregam os três sub-sistemas tem o seguintes compromissos<sup>41</sup>:

I. Para o território ou todas s organizações, quer tenham um caráter local, regional ou nacional, e que tenham competências no planejamento e na gestão de um território: o compromisso terá de resultar na realização de uma análise de um diagnóstico (ameaças e oportunidades), elaborado e aceite pelos parceiros. Este compromisso tem o objetivo de definir uma orientação para o enoturismo que seja mais adequado para o território como um todo.

II. Para as empresas vitivinícolas e/ou para as empresas que oferecem serviços turísticos: o compromisso terá de resultar na análise da sua atividade. Eles terão de adaptar a sua oferta às expectativas dos clientes, implementar medidas para valorização do patrimônio local, tendo em conta o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável da gestão da empresa.

Pinheiro<sup>42</sup> sugere valer-se da “técnica de mapeamento comportamental das pessoas” que estão integradas direta ou indiretamente no território enoturístico, verificando quais as representações que possuem sobre esse mesmo ambiente, bem como levantar as contradições dos moradores da região enoturística. Valduga<sup>43</sup> em “*O processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos – RS*, verificou uma redução da participação da população dos Vale dos Vinhedos na produção do enoturismo, resumindo-se às organizações locais”.

c) identificar o gradiente de sanidade do povo que convive com o enoturismo, por exemplo: qual é o ideal de saúde coletiva de Bento Gonçalves – região enoturística do RS- Brasil? Quais os agravos à saúde e doenças que afetam a população da rota enoturística? Na área geográfica do Vale dos Vinhedos que doenças

---

<sup>41</sup> CARTA EUROPÉIA ENOTURISMO. Ibidem p. 3.

<sup>42</sup> PINHEIRO, Jose´. Psicologia ambiental: a busca de um melhor ambiente. Op. Cit p. 9.

<sup>43</sup> VALDUGA, VANDER. O processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos – RS. 2007. Dissertação(mestrado) – UCS, Caxias do Sul, 2007.

emergem como saúde pública? “A abordagem da saúde coletiva está alicerçada nos princípios da ecologia”<sup>44</sup>, sustentada pela atividade vital produtiva do ser humano. A tríade ecológica é composta por: 1) agente (bio, químico e físico); 2) hospedeiro (sexo, idade, condição sócio econômica, raças e etnias, ocupação) e 3) ambiente (clima, topografia e meio biológico. “Preconiza-se a existência de um suposto equilíbrio destas três, levando à saúde. No entanto, qualquer ruptura do sistema ou sua desestabilização seria suficiente para gerar um estado de doença<sup>45</sup>”. Portanto, “o zelo é fundamental, se não decisivo, para a eficiência do sistema<sup>46</sup>”

Lembra Marx<sup>47</sup>: “o homem constrói também em conformidade com as leis da beleza”. O ser humano que convive e se movimenta com o mundo do vinho está descobrindo fenômenos. O homem que está se relacionando com o meio que propaga o enoturismo quais são suas necessidades?

Quando o homem e outras espécies se relacionam com o meio ambiente (conceito de ecossistema), uma série de fatores pode atuar como determinante da saúde ou da doença, como: clima, topografia, insolação, fenômenos naturais (inundações, terremotos, furacões e tornados) e outros. Até mesmo uma preocupação geral com a biosfera torna-se cada vez mais importante, à medida que se compreende que o homem como gerador de poluição e de outras agressões pode provocar mudanças na camada de ozônio e no teor de gás carbônico atmosférico, apresentando novos riscos para a vida na terra. O estudioso da saúde pública que possui fundamentação ecológica tem vantagem de ter visão integrativa e sistêmica, Natal<sup>48</sup>.

Na concepção de Marx<sup>49</sup> & Engels o materialismo dialético

---

<sup>44</sup> NATAL, D. Fundamentos de saúde pública. In: PHILLIP, A.; ROMERO, M. BRUNA, G. Curso de gestão ambiental. Op. Cit., p. 337.

<sup>45</sup> NATAL, D. Fundamentos de saúde pública. Idem, p. 353.

<sup>46</sup> DEJOURS, Christophe. 7.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008. p. 57.

<sup>47</sup> MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 165.

<sup>48</sup> NATAL, D. Fundamentos de saúde pública. Idem, p.337-338.

<sup>49</sup> MARX, K & ENGELS. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. Tomo 2, p. 320.

“vê na história o processo de desenvolvimento da humanidade, cujas leis dinâmicas é a missão de descobrir (...) a natureza tem também sua história no tempo, e os mundos, assim como as espécies orgânicas que em condições propícias os habitam, nascem e morrem”. Nada é para sempre. A matéria, a natureza interpenetram-se, movimentam-se constantemente. A história do desenvolvimento da terra, a geologia eram na antiguidade desconhecidas e agora, segundo Marx<sup>50</sup> e Engels “se pode estabelecer cientificamente a ideia de que os seres animados que hoje vivem na natureza são resultado de um longo desenvolvimento que vai do simples ao complexo”. Outrossim, “tudo o que põe o homem em movimento tem que passar pelo cérebro, nem mesmo comer e o beber, processos que começam com a sensação de fome e sede e terminam com a sensação de satisfação, sensações essas obtidas por meio do cérebro<sup>51</sup>”. “A psicologia ambiental trata do relacionamento recíproco entre o comportamento e o ambiente físico, tanto construído quanto natural”<sup>52</sup>. A tópica ambiental do enoturismo necessita ser considerada pelo paradigma reflexivo crítico de investigação. Não somente considerar “a ecologia da paisagem como sistemas que contêm seres vivos em abundância e em evolução”<sup>53</sup>, mas estar receptiva as leis e os movimento da natureza. Mirar dialeticamente para a natureza, o trabalho e a educação e não apenas para as oportunidade do mercado e do conhecimento restrito sobre o vinho. Mas considerar os demais fenômenos materiais que envolvem as questões do enoturismo.

O turismo enológico é uma alternativa além do capital. Ou seja, não é apenas para os produzem os vinhos e videiras, nem somente aos que visitam as regiões de produção do mundo do vinho em si, mas para a respectiva sociedade primar pelo cultivo e preservação do ser humano como sujeito. Fortalecer o

---

<sup>50</sup> MARX, K & ENGELS. Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Vitória. 1961. Tomo 3. p. 182.

<sup>51</sup> MARX, K & ENGELS. Obras escolhidas. Tomo 3. Op. Cit p. 185.

<sup>52</sup> [http://www.psi-ambiental.net/IN/que\\_e\\_psiamb.htm](http://www.psi-ambiental.net/IN/que_e_psiamb.htm) Laboratório de psicologia Ambiental. O que é psicologia ambiental. acessado 16/05/2010.

<sup>53</sup> OSEKI, J. & PELLEGRINO, P. Paisagem, sociedade e ambiente. In: PHILLIP, A.; ROMERO, M. BRUNA, G. Curso de Gestão Ambiental. São Paulo: Manole, 2009.p. 485-516. p. 505.

“enfrentamento do grave cenário de crise ambiental e de padrões civilizatório e societário que vivemos (...). Julgamos que é imperativo aprofundar discussões que veem ocorrendo em diversos países, tanto no meio acadêmico quanto nos movimentos sociais que podem problematizar os caminhos e opções”<sup>54</sup> do enoturismo.

Os efeitos de como se faz enoturismo estão conectados com: saúde; qualidade de vida; “debates ambientais; cultura; economia e política; práticas pedagógicas e práticas ambientais; relações ecológicas e relações sociais na compreensão da realidade”<sup>55</sup> O alerta aqui está voltado para que estes efeitos não sejam resultantes de um verniz dito de roupagem ecológica para continuar legitimando “a perpetuação da mercantilização da natureza”<sup>56</sup>

Pelo método do materialismo dialético e histórico de pesquisa convêm ampliar os debates no campo da psicologia ambiental, problematizando o que brota como conflitos nas regiões de enoturismo bem como ao que é tido pela lógica do capital de “insignificante”, pouco valorizado: os seres humanos. Homens e mulheres que vivem nestes espaços e que não estão ligados nem com a produção dos vinhos e muito menos com a rede comercial do que envolve o turismo enológico, mas que constituem a história das comunidades.

A ciência moderna compõem-se muito mais por conexões do que por isolamentos. Urge não pecar pelo “esvaziamento epistemológico e político de conceitos de origem crítica, que foram apropriados por diferentes discursos ao longo do século XX”<sup>57</sup>. É relevante considerar as categorias do materialismo dialético e histórico para que a transformação social seja uma realidade. Garante assim, uma ampla interlocução com as demais ciências a respeito do que agrega o enoturismo entre outros fenômenos materiais. “Não é possível a transformação das relações humanas na natureza, em um sentido que poderíamos considerar como ecologicamente válido, sem a mais radical transformação social”<sup>58</sup>.

---

<sup>54</sup> LOUREIRO, Carlos F (org). A questão ambiental no pensamento crítico. Natureza, trabalho e educação. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p. 7.

<sup>55</sup> LOUREIRO. Carlos F (org). A questão ambiental no pensamento crítico. Op. Cit. p. 8.

<sup>56</sup> LOUREIRO. Carlos F. (org). Ibidem, p. 8

<sup>57</sup> LOUREIRO. Carlos F (org). A questão ambiental no pensamento crítico. Op. Cit. p. 8

<sup>58</sup> LOUREIRO. Carlos F (org). A questão ambiental no pensamento crítico. Idem, p. 12

Como bem defende Marx<sup>59</sup> “o homem vive da natureza, quer dizer: a natureza é o seu próprio corpo, com a qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer”. O enoturismo está relacionado além do mundo da uva e do vinho. Não somente “o vinho e as pessoas que produzem são os agentes motivacionais do enoturismo”<sup>60</sup> mas todo ser humano que habita, vive, convive em regiões bordadas de videiras porque como indica Marx<sup>61</sup> “a vida produtiva é a vida genérica. É a vida criando vida”. “O homem produz quando se encontra livre da necessidade física e só produz verdadeiramente na liberdade de tal necessidade; [...] o homem reproduz toda a natureza [...]”.

Entre os tópicos levantados nesta reflexão se incluiriam a crítica à psicologia ambiental “sob o capitalismo, ao elitismo, à reprodução educacional dos padrões da sociedade maior, à educação como instrumento de hegemonia ideológica, às educação como repressão e ao caráter discriminatório de uma educação “popularesca” e instrumental para a classe trabalhadora”<sup>62</sup>. Para fazer a revolução é preciso “de uma base material. A teoria só se realiza num povo na medida em que é a realização das suas necessidades”, esclarece Marx<sup>63</sup>. Entretanto, a psicologia ambiental ao se debruçar sobre a temática do enoturismo trata de caminhar para a transformação, “não do sujeito individual, mas das relações sociais de dominação que determinam relações sociais e ambientais predatórias”<sup>64</sup>. Neste sentido, o enoturismo como enfoque orientador de um processo de preservação da natureza “tem caráter político, democrático, emancipador e transformador”<sup>65</sup>. Aquilo que é

---

<sup>59</sup> MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 164.

<sup>60</sup> VALDUGA, V. O processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos –RS. Op. Cit p. 2.

<sup>61</sup> MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. Op. Cit.p. 164.

<sup>62</sup> ROSSI, W. Pedagogia do trabalho. São Paulo: Moraes, vol1, 1987. p. 99.

<sup>63</sup> MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. Op. Cit p. 87.

<sup>64</sup> TOZONI-REIS, Marília Freitas. Contribuições para uma pedagogia crítica na educação ambiental. Reflexões teóricas. In: LOUREIRO, Carlos F (org). A questão ambiental no pensamento crítico. Natureza, trabalho e educação. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p. 177-221.

<sup>65</sup> TOZONI-REIS, Marília Freitas. Contribuições para uma pedagogia crítica na educação ambiental. Reflexões teóricas. In: LOUREIRO, C. (org). A questão ambiental no pensamento crítico. Idem, p. 197.

produzido pelo enoturismo sobre o comportamento humano deve ser investigado não de forma unidirecional, mas a partir da totalidade em que o contexto em que ele se desenvolve produz a história, cultura da região. Enoturismo não envolve apenas desafios com a natureza e a lógica do capital, mas sobretudo subjaz problemas sociais. Quando chega a vindima, satura a alta temporada, e depois (...), não se toca mais nisso? Quem lucra? Há que se dar passo a uma nova hegemonia, uma nova cultura. A natureza ganha- ganha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade encontra-se altamente dividida nas mais diversas situações e raças que se defrontam umas as outras com seus recursos mesquinhos, antipatias, má consciência, mediocridade e grosserias e que por circunstâncias ambíguas e suspeitosas se veem obrigadas a se submeterem pelos senhores, as elites. Admitem assim serem dominada, possuídas e governadas, deixando a natureza lesada. Desenvolver postura proativa diante deste cenário. É saudável que o homem seja radical. Diz Marx<sup>66</sup> que “ser radical é agarrar as coisas pela raiz. Mas, para o homem, a raiz é o próprio homem”. O autor defende que o imperativo categórico de derrubar todas as circunstâncias em que o homem é relegado á miséria, humilhado, escravizado, abandonado, desprezível, não compreendido, não atendido deva ser a ação de todos os homens. Um homem submetido, alienado, coisificado é segundo Marx<sup>67</sup> “um não-povo, já sem vontade própria (...)” enfraquecido. O modo de produção capitalista fragmenta a ação humana.

Talvez por isso Freud só pudesse enxergar com extremo pessimismo qualquer tentativa de libertar os homens de suas neuroses, exatamente quando as mesmas são reconhecidas tendo origem na estrutura social (ver Mal estar da civilização). CODO<sup>68</sup>.

---

<sup>66</sup> MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. Op. Cit.p. 86.

<sup>67</sup> MARX, Karl. Manuscritos econômicos filosóficos. Idem p. 50

<sup>68</sup> CODO, W. et al. Indivíduo. Trabalho e sofrimento. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 35.

A psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano. Mas que comportamento humano investigar sobre o enoturismo como preservação da natureza? Pelo trabalho humano vamos identificar os fazeres do homem. Pela cultura conheceremos o que o homem sabe. Pelas mãos da política identificaremos qual é seu poder. Surge a interrogação: ao que está sujeito o enoturismo quando é visto como pressuposto para preservação da natureza? Quais são as influências do meio sobre o turismo enológico determinado pela condição sócio-histórica? Bem salienta Löwy<sup>69</sup> que “tanto o socialismo como a ecologia reivindicam valores qualitativos: o valor de uso, a satisfação das necessidades, a igualdade social para o primeiro, a salvaguarda da natureza e o equilíbrio ecológico para a segunda” Também concebem a economia política no meio ambiente social. O enoturismo em si não pode promover acúmulo de capital como objetivo em si fortalecendo-se na contramão da destruição da natureza. Por exemplo: efeito estufa, a poluição do solo e da água, a eliminação das espécies vivas, a desertificação das terras férteis entre outras, são formas de caça à mais valia. Ou seja, a legitimação da lógica de acumulação ilimitada (do capital, do lucro, das mercadorias) são práticas nefastas sobre a complexidade que envolve o enoturismo e a intensificação crescente dos problemas sobre o meio ambiente. Trata-se de imaginar um futuro, possível e sustentável tanto para espécie humana como à natureza. Alerta para o que anuncia e denuncia Hobsbawm<sup>70</sup>:

Os indícios de que o mundo será melhor no século XXI não são negligenciáveis. Se o mundo conseguir não se destruir, a probabilidade será bastante grande. Mas não chegará à certeza. A única certeza que podemos ter em relação ao futuro é que ele surpreenderá até mesmo aqueles que puderem ver mais longe.

O desafio erguido nestas reflexões, reside na possibilidade de ampliar as lentes do nosso caleidoscópio sobre o enoturismo como fenômeno material social. Formação material esta que “revela o

---

<sup>69</sup> LÖWY, Michael e Bensaïd, Daniel. *Marxismo modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000, p. 229.

<sup>70</sup> BOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios 1875-1914*. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 469.



sentido da relação de uma sociedade com o meio ambiente”<sup>71</sup>. O enoturismo na perspectiva tanto maneira de ser (produtos e projetos) como maneiras de ver (percepções sobre) e no modo de acontecer (tipo de trabalho) as relações do homem com a natureza. O homem é um ser social, natural que constrói sua individualidade em sociedade.

Quando a história individual entrar em conflito permanente com a história social, quando o modo de reapropriação implicar em cada vez mais ruptura, quando a magnitude da ruptura, ou seu momento individual de ocorrência, impedirem a reapropriação, ou quando se bloquearem rituais de recuperação sem maior sofrimento psíquico, estaremos no território da doença mental.

É a partir do trabalho que se estruturam as representações e a relação com a história: tempo, vínculo e espaço de organização da identidade, Codo<sup>72</sup>

O ecossocialismo “pode ter como objeto qualquer mosaico paisagístico, desde áreas urbanas até áreas agrícolas, desertos e florestas”<sup>73</sup>. Nós estamos enfatizando as regiões enoturísticas. A psicologia ambiental exige práxis que promova ações proativas à transformação social, bem como, contribui para a preservação da natureza quando atende algumas de suas características<sup>74</sup>: visão contextualizada do comportamento; influência teórica e metodológica da psicologia social; temas interdisciplinares; aspectos multi-metodológicos; possibilidade de pesquisa-ação. O primor são os efeitos de como se faz enoturismo conectados com: saúde; qualidade de vida; debates ambientais; cultura; economia e política; práticas social; relações ecológicas e relações sociais na compreensão da realidade. Enfim, a práxis social dos homens que se relaciona direta ou indiretamente com o enoturismo. Isto exige um

---

<sup>71</sup> OSEKI, J. & PELLEGRINO, P. Paisagem, sociedade e ambiente. In: PHILLIP, A.; ROMERO, M. BRUNA, G. Curso de Gestão Ambiental. São Paulo: Manole, 2009.p.485- 516. p. 488.

<sup>72</sup> CODO, W. et al. Indivíduo. Trabalho e sofrimento. Op. Cit p. 268-269

<sup>73</sup> OSEKI, J. & PELLEGRINO, P. Paisagem, sociedade e ambiente. In: PHILLIP, A.; ROMERO, M. BRUNA, G. Curso de Gestão Ambiental. Idem p.505.

<sup>74</sup> <http://abelardo2000.sites.uol.com.br/page.html>. Características gerais. Aspectos metodológicos e campo de atuação. Acessado 16/05/2010.

exercício pró-ativo diante da natureza. Parafraseando Che Guevara: não é preciso ser psicólogo, médico para escutar o coração de um povo, basta ter coração.

## REFERÊNCIAS

BOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios 1875-1914*. 11.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CAVALCANTI, Clóvis. *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. 3ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

CASTRO, Ronaldo S & BAETA, Anna M. Autonomia intelectual: condição necessária para o exercício da cidadania. In: LOUREIRO, Carlos Frederico (org.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.99-107.

CODO, W. et al. *Indivíduo. Trabalho e sofrimento*. Petrópolis: Vozes, 1993.

COLAO, Magda M. Professor *forcluído* do ato de ler a realidade. In: TRIVIÑOS, Augusto; BÜRIGO, Carla e OYARZABAL (orgs). *A formação de Professores para Educação Básica na América Latina. Problemas e possibilidades*. Florianópolis: Imprensa UFSC, 2009. p.205-215.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. 7.ed.Rio De Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008.

DIAS, Reinaldo & AGUIAR, Marina R. *Fundamentos do turismo*. Editora Alínea, 2002.

ENGELS, F. *O papel do trabalho na transformação do macaco em Homem*. 3.ed. São Paulo: Global editora, 1986.

FOSTER, John Bellamy. *A ecologia de Marx*. Materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

GOSWAMI, Amit. *O médico quântico. Orientações de um físico para a saúde e a cura*. São Paulo: Cultrix, 2004.

LANDIM & MOREIRA. *Charles Darwin*. São Paulo: Sangrari do Brasil, 2009.

LOUREIRO, Carlos Frederico (org.). *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LOUREIRO, Carlos Frederico. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. 3.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

LOUREIRO, Carlos F (org). *A questão ambiental no pensamento crítico. Natureza, trabalho e educação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

LÚKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. Estudos de dialética marxista. Lisboa: Publicações Escorpião, 1974.

- LÖWY, Michael e Bensaïd, Daniel. *Marxismo modernidade e utopia*. SP: Xamã, 2000.
- MARX, Karl & ENGELS F. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. Tomo2.
- MARX, K & ENGELS. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Vitória. 1961. Tomo 3.
- MARX, K. & ENGELS F. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Vitória, 1963. Tomo 3.
- MARX & ENGELS. *Manifesto do partido comunista*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1987.
- MARX, Karl. *O capital*. 12ed.São Paulo: DIFEL, 1988. Livro I. Volume I. O processo de produção capitalista.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- NATAL, D. Fundamentos de saúde pública. In: PHILLIP, A.; ROMERO, M. BRUNA, G. *Curso de gestão ambiental*. São Paulo: Manole. 2009. p. 33-374.
- OSEKI, J. & PELLEGRINO, P. Paisagem, sociedade e ambiente. In: PHILLIP, A.; ROMERO, M. BRUNA, G. *Curso de Gestão Ambiental*. São Paulo: Manole, 2009.p.485- 516.
- OURIQUES, Helton Ricardo. *A produção do Turismo: fetichismo e dependência*. São Paulo: Editora Alínea.2005.
- ROSSI, W. *Pedagogia do trabalho*. São Paulo: Moraes, vol. 1, 1987.
- ROSS, Glenn F. *Psicologia do turismo*. São Paulo: Contexto, 2001.
- SILVEIRA, Vicente F. Geoprocessamento como instrumento de gestão ambiental. In: PHILLIP, A.; ROMERO, M. BRUNA, G. *Curso de Gestão Ambiental*. São Paulo: Manole, 2009. p.945-968.
- SILVA, Fernando Brasil da. *Psicologia dos serviços em turismo e hotelaria*. São Paulo: Thomson, 2004.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas. Contribuições para uma pedagogia crítica na educação ambiental. Reflexões teóricas. In: LOUREIRO, Carlos F (org). *A questão ambiental no pensamento crítico. Natureza, trabalho e educação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p. 177-221.
- TRIVIÑOS, Augusto. N.S. A dialética materialista e a prática social. *Movimento Revista da Educação Física*. UFRGS. Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 121-142, maio/ago. 2006.
- VALDUGA, Vander. *O processo de desenvolvimento do enoturismo no Vale dos Vinhedos – RS. 2007*. Dissertação(mestrado) – UCS, Caxias do Sul, 2007.
- VIANNA, Sérgio. Darwin e a consciência no século XXI. In: LANDIM & MOREIRA. *Charles Darwin*. São Paulo: Sangrari do Brasil, 2009.p. 143-152.
- ZANUZ, Antonio C. *A pequena propriedade familiar como alternativa ao desenvolvimento agrícola sustentável: dificuldades para sua adequação à legislação*

*de preservação florestal*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Direito. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul. 2002. 135 p.

## SITES

CARTA EUROPÉIA ENOTURISMO. <http://www.turismodeportugal.pt/Português/ÁreasActividade/ProdutoseDestinos/ReuniaoTecnicaEnoturismo/CataEuropeiadaEnoturismo/An> Em 18/4/2010.

Girus.com.br.turismo, informações e debate. Disponível em <[http://www.girus.com.br/viagens/conceitos.php?cod\\_conceito=7](http://www.girus.com.br/viagens/conceitos.php?cod_conceito=7). Acesso em 09/10/05.

Instituto da Vinha e do Vinho. Enoturismo e rota do vinho. Disponível em <<http://www.ivv.min-agricultura.pt/cultura/files/rotas.html>. Acesso em 10/10/2005.

[http://www.psi-ambiental.net/IN/que\\_e\\_psiamb.htm](http://www.psi-ambiental.net/IN/que_e_psiamb.htm) Laboratório de psicologia Ambiental. O que é psicologia ambiental. acessado 16/05/2010.

LUPINACCI, Heloisa da folha de São Paulo: Jovem, enoturismo no Brasil se diversifica. Folha online turismo. Disponível em <<http://www.1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u4939.shtml>.

PINHEIRO, José. Psicologia ambiental: a busca de um melhor ambiente. Estudos de psicologia (Natal) vo2.n.º2 Natal July/Dec.1997. scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X1997000200011&s... em 21/04/2010.

REVISTA TURISMO. Livros técnicos para turismo e hotelaria já indicados pela Revista Turismo. A produção do turismo fetichismo e dependência. Disponível em <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/literaturaold.htm>. Acesso em 10/10/2005.

<http://abelardo2000.sites.uol.com.br/page.html>. Características gerais. Aspectos metodológicos e campo de atuação. Acessado 16/05/2010.

Anderson O. C. Lobato  
Philippe Pierre  
(Organizadores)

**DIREITO, JUSTIÇA E AMBIENTE:  
perspectivas franco-brasileiras**



Rio Grande  
2013

© Anderson O. C. Lobato e Philippe Pierre

2013

Capa: Liane Viegas Domingues

Formatação e diagramação:

João Balansin

Gilmar Torchelsen

D597d Direito, justiça e ambiente : perspectivas  
franco-brasileiras / organizadores Anderson  
O.C. Lobato e Philippe Pierre.- Rio Grande :  
Editora da Furg, 2013.  
276p ; 21 cm

ISBN 978-85-7566-262-5

1. Direito ambiental 2. Educação ambiental I.  
Lobato, Anderson O. C II. Pierre, Philippe

CDU 349.6

Bibliotecária responsável pela catalogação: Jandira Maria Cardoso Reguffe CRB 10/1354

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho que está sendo oferecido ao público brasileiro é fruto de uma cooperação científica que teve início em 2009 no Ano da França no Brasil. Desde então foram organizadas várias manifestações científicas no Brasil (Pelotas, Rio Grande e Cuiabá) e na França (Rennes e Paris) que permitiram a reunião de trabalhos preocupados em oferecer novas perspectivas ao Direito, tendo como referência a promoção da Justiça e a preocupação com o meio ambiente.

Os trabalhos apresentados fazem parte das pesquisas iniciais de dois Grupos de Pesquisa aos quais se associaram pesquisadores da América latina apontando para a vocação à internacionalização das equipes envolvidas. O *Institut de l'Ouest: Droit et Europe*, Laboratório do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*) sediado na Universidade de Rennes 1 assumiu o papel de liderança e estímulo na reunião dos primeiros resultados. Os esforços dos colegas brasileiros na gestão das traduções, bem como na finalização da obra merece igualmente o nosso reconhecimento, notadamente nesses últimos anos em que as Universidades brasileiras, e porque não reconhecer, igualmente as universidades francesas, passam por um período de turbulência em que o trinômio ensino, pesquisa e extensão é permanentemente questionado no momento da distribuição de recursos destinados à educação.

O certo é que a presente cooperação científica está produzindo os seus primeiros frutos do trabalho de investigação científica inaugurando uma linha publicações que permanecerá viva no tempo e nos laços fraternos que unem Europa e América.

Observou-se no momento de reunião dos trabalhos que a relação em Direito e Justiça fortemente presente nas investigações jurídicas confronta-se presentemente com os desafios de um novo modelo de desenvolvimento, econômico, social e ecologicamente sustentável, único capaz de promover a justiça social, respeitando os

direitos humanos, a diversidade cultural na busca de uma real e concreta cidadania planetária.

O trinômio sustentabilidade, solidariedade e judicialização representa para o jurista não somente uma utopia, mas igualmente uma estratégia de transformação das relações sociais através do Direito.

Convidamos os nossos leitores a se envolverem no seu dia-a-dia e nos seus estudos com o compromisso de uma produção científica preocupada com os problemas sociais, e ambientais, que desafiam a sobrevivência da humanidade.

Anderson O. C. Lobato  
Philippe Pierre  
Organizadores



## SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	
Anderson O. C. Lobato; Philippe Pierre .....	5

### **Primeira Parte** **Os desafios da sustentabilidade**

<i>Biotecnologia e propriedade industrial: direito francês e da União Europeia</i>	
Maryline Boizard .....	11
<i>Aplicação dos princípios do Direito Ambiental e o ponto de irreversibilidade das mudanças ambientais</i>	
Luiz Henrique Ronchi .....	29
<i>A produção de agrocombustíveis no Brasil e os impactos socioambientais</i>	
Maria Claudia Crespo Brauner; Patrícia Maria Schneider .....	41
<i>O ecoturismo como enfoque orientador de um processo de preservação da natureza</i>	
Magda Maria Colao .....	63
<i>A poluição atmosférica transfronteiriça</i>	
Bianca Teixeira Bazan Steinmetz; Tizziani Gabriel; Leonardo Xavier da Silva .....	83

## **Segunda Parte**

### **Os caminhos da solidariedade**

<i>O princípio da precaução, uma radicalização francesa</i> Philippe Pierre .....	99
<i>O conceito de serviços ecossistêmicos: promotor de novas sinergias entre as estratégias europeias sobre o clima e a biodiversidade?</i> Nathalie Hervé-Fournereau; Alexandra Langlais .....	121
<i>Economia solidária e empreendimentos populares: as potencialidades da organização do trabalho associado</i> Éder Dion de Paula Costa; Paulo Ricardo Opuszka .....	151
<i>Ethos ambiental em clave del pensamiento estetico ambiental complejo</i> Ana Patricia Noguera de Echeverri .....	169

## **Terceira Parte**

### **O fenômeno da judicialização**

<i>A responsabilidade ambiental no contexto Francês e Europeu</i> Marion Bary .....	197
<i>A judicialização da responsabilidade civil ambiental: a poluição da agricultura irrigada</i> Anderson O. C. Lobato; Thiago Burlani Neves .....	211
<i>Responsabilidade ambiental e ação coletiva</i> Francis Kernaleguen .....	233
<i>A cidadania dos povos indígenas e a ressignificação do paradigma liberal.</i> Saulo Tarso Rodrigues.....	245